

Desemprego cresce e atinge

O nível de desemprego no Distrito Federal aumentou 0,3% de fevereiro para março, representando mais 2 mil e 800 pessoas fora do mercado de trabalho. Os cálculos são da Pesquisa de Emprego e Desemprego no DF (PED/DF), que estimou a população de desempregados brasilienses em 123 mil e 100 pessoas. A PED/DF é realizada mensalmente pela Codeplan, Secretaria de Trabalho, Dieese e Fundação Seade.

O resultado da pesquisa contrariou as expectativas do secretário do Trabalho, Renato Riella, que esperava a diminuição do nível de desemprego em março. Mas o achamento do movimento do comércio por causa da interrupção do uso do cartão de crédito e vendas a prazo em decorrência do plano econômico fizeram o nível de desemprego aumentar. Desta forma, o comércio foi o setor de atividade-econômica que mais demitiu: 4 mil e 100 pessoas perderam seus empregos em março. O diretor técnico do Dieese,

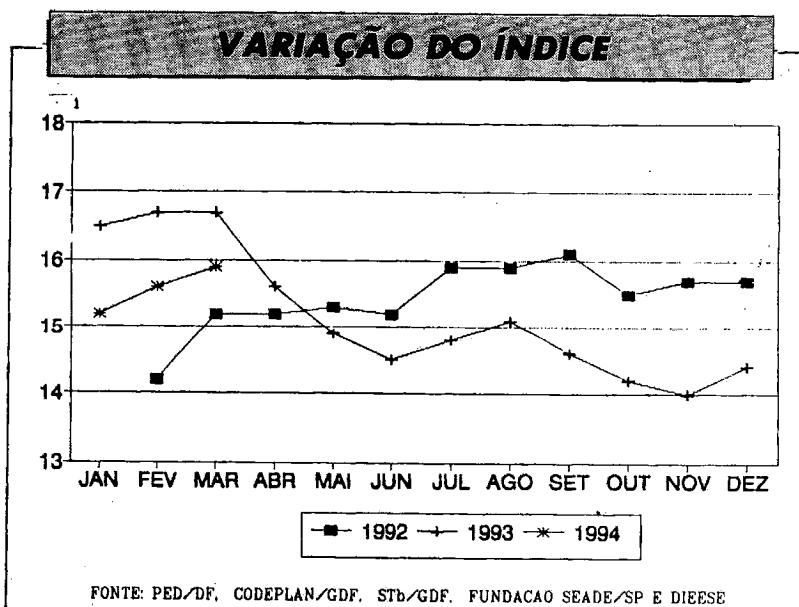
Sérgio Mendonça, lembrou que o presidente do Sindicato do Comércio Varejista (Sindivarejista), Lázaro Marques, havia advertido que o plano econômico iria provocar um impacto sobre o comércio.

De acordo com a PED/DF, a construção civil foi a segunda atividade econômica mais afetada pelo desemprego, atingindo 2 mil operários em março.

Satélites — A taxa de participação da força de trabalho em março decresceu de 60,2% para 59,9% em Gama, Taguatinga, Sobradinho, Planaltina, Núcleo Bandeirante, Guará e Cruzeiro (grupo de renda intermediária). No caso de Brazlândia, Ceilândia, Samambaia, Paranoá e Santa Maria (grupo de renda mais baixa) a força de trabalho diminuiu de 60,3% para 60%. No entanto, houve crescimento deste item no Plano Piloto, que é o grupo de renda mais alta. A faixa etária de 40 anos e mais foi a mais atingida com a queda de participação no mercado de trabalho: de 59,8% para 58,9%.

123.100 brasilienses

VARIAÇÃO DO ÍNDICE



FONTE: PED/DF, CODEPLAN/GDF, STB/GDF, FUNDACAO SEADE/SP E DIEESE

Autônomos reaquecem economia

Da formalização de atividades autônomas em cidades-satélites e no Plano Piloto, que apontam para um novo perfil da economia do Distrito Federal, poderá surgir a queda do índice de desemprego que, desde 1992, se mantém em torno dos 14%. Para o secretário-adjunto do Trabalho, Paulo Roberto Jucá, os serviços autônomos, que hoje respondem por 30% dos empregos — se igualando aos serviços públicos —, representam o eixo de expansão da economia que, no DF, não encontra espaço para as indústrias de grande porte e ainda depara com um estado disposto a encolher.

Segundo Roberto Jucá, o que aconteceu em Sobradinho, com os autônomos que se organizaram no Pólo de Roupas Íntimas, em Tagua-

tinga com grupo de 30 costureiras que se juntaram na Moda T, ou ainda no Plano Piloto, com os microempresários reunidos na Cooperfraldas, foi um indicativo de que estado e iniciativa privada, juntos, poderão equacionar o problema do desemprego no DF. Nos três processos, o Governo estimulou a formalização das atividades que eram uma vocação natural. O Sebrae e o Senai treinaram empresários e funcionários.

“O papel do Governo é este, de incentivar e não responder pela geração de empregos”, disse Roberto Jucá, lembrando que a economia do DF tem a predominância do emprego muito mais na área de serviços do que na indústria, seguindo a uma tendência mundial.